

DUAS VISÕES DE ESCRAVO NO *CURCULIO*

Diego Verissimo de Oliveira (UFRJ/UERJ)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar aspectos relacionados ao papel do escravo em *Curculio*, de Plauto. Nesta peça, esse papel parece ser duplamente desempenhado: Palinuro e o personagem-título, Gorgulho, são os “escravos” da referida comédia. Nossa apresentação passará por uma breve contextualização da figura do escravo em Plauto. Em seguida, será feita uma análise do personagem Palinuro (o escravo propriamente dito), e de suas atitudes na história. Depois, serão apontadas, diante dos feitos do parasita (ou “parasito”) Gorgulho, certas características que o tornam muito próximo dos feitos característicos de um escravo nas peças plautinas.

Palavras-chave: 1. Plauto, escravo, parasita. 2. Gorgulho, comédia

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE PLAUTO E O PAPEL DO PERSONAGEM ESCRAVO

Plauto, considerado o maior comediógrafo da Roma antiga, nascido na Úmbria em 254 a.C. e morto em 184 a.C., foi para Roma ainda jovem, onde começou a fazer teatro, primeiro como ator e depois escrevendo comédias. Sua principal preocupação era fazer o público de Roma rir. Buscou situações originais e típicas do gosto romano. Mudou o nome dos personagens da comédia grega e buscou reproduzir, com fidelidade, a vida dos romanos da época. Teve a preocupação também com a inovação na linguagem, com seus personagens de origem popular, como escravos, ladrões, soldados e cortesãs. Os enredos de Plauto são, em geral, baseados em casos de amor ou confusões decorrentes de troca de identidades, mas apresentam grande originalidade no tratamento dos temas.

Um dos pontos mais relevantes do *Curculio* (ou *Gorgulho*), obra aqui analisada, prende-se à galeria notável de personagens-tipo que se encontram em uma só comédia, algo de original em Plauto e na própria comédia greco-latina. Encontram-se aqui o escravo engenhoso, o enamorado, a velha ávida de vinho, a jovem enamorada, o mercador, o cozinheiro, o parasita, o banqueiro e o soldado fanfarrão. Há de se destacar, como objeto deste trabalho, o personagem escravo, que, em Plauto, tem uma faceta quase totalmente voltada para a trapaça, a tramoia. Ele é esperto, é cheio de astúcia e sempre pronto para a

resolução dos problemas que cercam seu amo. O escravo, de fato, é mais cômico em Plauto do que na Grécia.

Plauto acrescentou, em suas peças, partes dançadas e cantadas. E no que diz respeito à entrada do escravo em cena, isso tem considerável importância. Em um esquema de cenas intercaladas, a entrada do *seruus currens* é marcada por um acompanhamento musical; as cenas em torno dela não o são, talvez com o intuito de marcar bem a entrada de personagem tão importante, além do efeito lúdico.

São encontrados, na comédia plautina, dois tipos distintos de escravo. O primeiro é o bom escravo, que aceita a estrutura de recompensas e punições. O outro é o *callidus seruus*, o “escravo inteligente” (“versado”, “astucioso”) que é definido não apenas pela desobediência, mas também pela contestação.

2. APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS

Os personagens de *Curculio* são os seguintes:

- FÉDROMO, o jovem amo;
- GORGULHO, personagem-título, parasito de Fédromo;
- PALINURO, escravo de Fédromo;
- um COZINHEIRO, escravo de Fédromo;
- PLANÉSIA, jovem moça;
- TERAPONTÍGONO PLATAGIDORO, militar;
- LICO, um banqueiro;
- CAPADÓCIO, um mercador de escravas (leno);
- uma VELHA, porteira de Capadócio.

3. RESUMO

Fédromo, jovem apaixonado por Planésia, sai de sua casa com Palinuro, decidido a encontrar-se com a sua amada, que vive na casa de Capadócio, um mercador de escravas. Fédromo quer comprar a jovem, mas suas posses não lhe permitem levar Planésia, que parece corresponder ao seu amor. Subornada pelo vinho, a velha guardiã de Planésia permite o encontro, onde Fédromo diz que seu parasito voltará de viagem com o dinheiro para a compra.

Gorgulho volta sem o empréstimo. No entanto, ele consegue falar com um soldado que lhe dá uma notícia interessante: comprara a própria Planésia a Capadócio e dera a

Lico, um banqueiro de Epidauró, a soma de trinta minas para consumir o negócio. Embebedando o soldado, Gorgulho roubara-lhe um anel de herança, que lhe permitiria provar a identidade ao banqueiro Lico, e correrá até Fédromo.

Gorgulho encontra-se com o banqueiro Lico e dá-lhe umas tabuinhas e o anel do soldado, fingindo-se criado dele, a quem o banqueiro deve entregar a moça.

Aparecem, vindos da casa de Capadócio, o próprio, Lico, Gorgulho e Planésia, com o negócio concluído. Terapontígono retorna a Epidauró e pede a Lico as trinta minas de prata, mas este informa o negócio já ter sido feito. O soldado desconfia de Gorgulho, que lhe roubara o anel.

Planésia reconhece o anel que o Gorgulho roubou ao soldado. Diz que este faz parte da sua família, já que ela nasceu livre. Quando Terapontígono aborda o Gorgulho de modo a garantir a moça que perdera, a conversa toma o rumo inevitável do anel: Terapontígono conta os pormenores familiares e Planésia reconhece-se como irmã dele, dando-lhe a observar outro anel que a própria jovem traz consigo e que o irmão reconhece como sendo o anel que este lhe dera como presente de aniversário. Terapontígono promete a mão de Planésia a Fédromo e Capadócio vê-se obrigado a restituir as trinta minas que ganhara por uma jovem que, afinal, era liberta. O soldado é convidado a entrar na casa de Fédromo e o casamento será naquele mesmo dia.

4. PALINURO

No *Curculio*, Palinuro é aquele que, em princípio, traz consigo a carga que o tornará o autêntico protagonista da peça. Afinal de contas, é ele o escravo, e o escravo das comédias plautinas é aquele que está sempre disposto a ajudar seu jovem amo. Por vezes desrespeitoso, é capaz de rir de todo mundo, inclusive, dele mesmo ou de seu próprio amo. É um personagem de que, às vezes, Plauto se serve para fazer chegar ao público suas próprias ideias. É ele o personagem de maior carga cômica devido a suas tramas, seus engenhos, seu discurso irônico, sarcástico. A ajuda que ele dispensa ao jovem amo está, quase sempre, ligada ao amor. O moço enamorado pela jovem de boa família ou escrava – ou ainda, uma prostituta – vive atormentado por não conseguir vivenciar, de fato, o amor que sente pela mulher. É incapaz de solucionar seus problemas amorosos sem a ajuda de seu inteligente escravo.

E aí está o primeiro indício de que esta peça tratará o escravo de uma forma singular: diferente das demais peças, o escravo Palinuro não parece estar tão disposto a

ajudar o jovem Fédromo em sua investida ao encontro da moça. Ele contesta o esforço do amo em encontrá-la de forma clandestina, às escuras. Palinuro, desde o início, tenta desanimá-lo. Chega ao ponto de compará-lo a um “servo de si mesmo”, um “escravo”. O uso do termo aqui ganha um caráter muito significativo. Palinuro é ousado ao dizer isso.

*Pal. Istuc quidem nec bellum est nec memorabile:
tute tibi puer es, lautus luces cereum. (8-9)*

Pal. Isso não é, na verdade, nem uma guerra nem um feito memorável:

tu mesmo és um escravo de ti, levas elegante a tocha.

Há um momento em que o escravo Palinuro traz consigo o discurso irônico, artifício que, normalmente, eleva o teor cômico da cena em questão e que é lugar-comum na boca de um escravo: ele é quem ri, de si e do outro (e que também faz rir). Não é diferente quando Palinuro, o escravo, fala em uma “terrível escravatura” vivida pela jovem Planésia na casa do Leno. Soa um tanto paradoxal sua fala.

Phaed. Lenonis hae sunt aedes.

Pal. Male istis evenat.

Phaed. Qui?

Pal. Quia scelestam servitutem serviunt. (39-40)

Féd. Esta é a casa do Leno.

Pal. Oxalá que lhes suceda mal.

Féd. Por quê?

Pal. Porque guarda terrível escravatura.

Isso não é de se admirar, visto que o responsável pela fala é o escravo, indivíduo de língua ferina, maior responsável pela comicidade das cenas. Palinuro vai desempenhando seu papel. Em outro momento, é capaz de tecer um comentário com teor moralizante (fato que já carrega em si traços mais uma vez irônicos), dando, à fala seguinte, uma característica mais simples, mas que também provoca o riso.

Pal. Semper tu scito, flamma fumo est proxima;

fumo comburi nil potest, flamma potest.

qui e nuce nuculeum esse volt, frangit nucem:

qui volt cubare, pandit saltum saviis.

Phaed. *At illa est pudica neque dum cubitat cum viris.*

Pal. *Credam, pudor si cuiquam lenoni siet. (53-58)*

Pal. Sempre te lembra: a chama está próxima ao fumo;
nada pode ser queimado pelo fogo, [mas] a chama pode [queimar].

Aquele que deseja ter o miolo da noz, quebra a noz:

aquele que quer se deitar, inicia [a aventura] pelos beijos.

Féd. Mas ela é uma moça pura, e não se deita com homens

Pal. Acreditei, se houver algum pudor em um leno.

Embora fiel a seu amo, é sabido que a figura do escravo não pestaneja em, por alguns momentos, levar o jovem ao ridículo. A passagem a seguir ilustra bem isso. Fédromo esta levando uma garrafa de vinho para a velha que guarda a porta da casa do leno. Palinuro pergunta ao amo se a bebida é para a porteira. Fédromo responde como se acreditasse mesmo que Palinuro pudesse permitir ou não algo a seu amo, em um claro jogo de fazer rir de si mesmo e do dono, como já assinalado.

Pal. *Eine hic cum vino sinus fertur?*

Phaed. *Nisi nevis.*

Pal. *Nolo hercle [...] (82-84)*

Pal. Ah! Este pote com vinho é levado [para ela]?

Féd. A não ser que não permitas.

Pal. Não quero, por Hércules! [...]

No entanto, pouco depois, o escravo se vê envolvido naquele que é o discurso mais comum, mais normal de seu ambiente: o discurso da ordem, da obediência. Vale destacar aqui algo próprio da comédia plautina: até pode haver o cômico da situação, mas desde que não haja uma transgressão do natural. Para tal, é importante que se faça prevalecer a condição do escravo submisso a seu senhor. O contrário poderia chocar. E, em uma simples fala, as coisas voltam ao normal, ou,

pelo menos, mostram o que é o normal dentro daquele contexto social. O uso do participípio presente *obsequens* (de *obsequor*) é marca nítida de um conjunto de termos bem comuns à figura do escravo: ele nem contesta.

Phaed. *Sequere hac, Palinure, me ad fores, fi mi obsequens.*

Pal. *Ita faciam.* [...] (87-88)

Féd. Segue-me por aqui, Palinuro, à porta; torne-se obediente à mim.

Pal. Farei assim. [...]

O cômico do escravo torna a aparecer de forma irônica na rápida resposta (em forma de questionamento) diante da ocasião em que a velha é atraída pelo cheiro do vinho e começa a tecer comentários quase dramáticos por não tê-lo ainda encontrado (ao mesmo tempo em que contribui para a comicidade da cena). Após a constatação do jovem Fédromo, Palinuro ironiza.

Phaed. *Sitit haec anus.*

Pal. *Quantillum sitit?* [...] (110)

Féd. Esta velha tem sede.

Pal. *Quão pouca sede ela tem[, não]? [...]*

A condição do escravo como aquele que é o principal responsável pelos momentos mais cômicos da peça também pode ser reafirmada pela mesma passagem, quando Palinuro se admira com a busca da velha, que não os enxerga bem, e que se dá através do cheiro do vinho que levam.

Pal. *Pol ut praedicas, vindemia [haec] huic anui non sat est soli.
canem esse hanc quidem magis par fuit: sagax nasum habet.* [...] (111-112)

Pal. Por Pólux; como dizes, não bastaria para esta velha só a colheita de uva.

De fato, mais apropriado ela ter sido cachorro: tem um fino faro.

Em meio a todo o teor de comicidade de muitos outros versos, o fato é que Palinuro é um tipo de escravo diferente: ele contesta, parece “jogar contra” (e tem argumentos para isso). Mais à frente, há um momento em que ele volta a evidenciar o discurso de teor moralizante. No momento em que Fédromo se encontra com Planésia, às portas da casa do leno, o escravo se dirige aos espectadores e tece um comentário de censura a essa atitude do amo.

*Pal. Enim vero nequeo durare quin ego erum accusem
meum:
nam bonum est pauxillum amare sane, insane non bonum
est;
verum totum insanum amare, hoc est quod meus erus facit. (175-
177)*

Pal. Com efeito, verdadeiramente, eu não posso deixar de censurar meu
[amo:
com efeito, bom é amar pouco [e] são; insensatamente, não
é bom,
verdadeiramente, amar todo insano: isto é o que meu amo faz.

Após este momento, Palinuro começa a perder espaço na peça. Suas falas vão deixando de marcar a importância que até então foi verificada, pois outro indivíduo parece surgir com a missão de trazer a solução para os problemas do amo. O momento em que contracenam Palinuro, Capadócio, o cozinheiro e, por fim, Fédromo parece um ponto de transição da peça: é aguardada a chegada do parasito e, com ele, uma nova fase na história.

Significativa é uma das últimas falas de Palinuro na comédia. Posicionada no verso 316 (portanto, na metade da história, que tem 730 versos), ela pode ser entendida como um fôlego novo, um ânimo novo no desenrolar da história. É a hora em que Gorgulho chega correndo, esbaforido e é acolhido por Fédromo e por aquele que, até então, veio desempenhando o papel de escravo, Palinuro. Ambos o abanam:

*Curc. [...] Quid facitis, quaeso?
Pal. Ventum. (316)*

Gorg. [...] O que fazeis, pergunto?

Pal. Vento.

A partir daí, Palinuro transfere, efetivamente, o posto de escravo. O posto daquele que está na comédia para ajudar seu mestre a resolver os percalços; sobretudo, os relacionados ao amor. Ele sai da história sem ter finalizado seu papel inicial (embora, nesse caso, desde o início, ele já tenha definido sua opinião acerca do envolvimento do amo com a jovem). Abre-se espaço para o surgimento do “novo escravo”.

5. GORGULHO

Não somente pelo fato de ser o personagem-título, o parasito Gorgulho assume a condição de protagonista da comédia. Se, por um lado, ele está na categoria de personagens secundários (onde também podem ser encontrados a moça, a matrona, o soldado, o leno, o banqueiro e os cozinheiros), por outro, suas atitudes, sua trama, seus feitos para que Fédromo tenha êxito em sua empreitada o tornam personagem principal da peça. Ele ainda é um parasito no que diz respeito ao título que ostenta. Mas é inegável admitir que o desenrolar da história o torne o mais próximo possível do que poderia se esperar de um escravo. É possível entendê-lo como aquele que vem suprir a necessidade deixada por Palinuro.

A julgar por sua aparição em cena, Gorgulho, esperado ansiosamente, já traz consigo as marcas de um escravo: ele é o típico *seruus currens*, aquele que surge em cena esbaforido, correndo. Gorgulho chega apressadamente.

Phaedromvs Quid istic clamorem tollis?

Pal. *Parasitum tuom
video currentem ellum usque in platea ultima. (277-278)*

Féd.: O que eleva esse barulho?

Pal. : É o teu parasito;
vejo-o correndo pela última praça.

Ele irrompe em cena em uma corrida enérgica, barulhenta, fingindo dar encontrões contra a população. Ao chegar ao pé do patrão, arfa exageradamente. E essa é uma imagem típica dos mensageiros cômicos de Plauto, especialmente os escravos, motivo pelo qual

personagens com esse tipo de entrada são denominados *seruus currens*, o “escravo que corre”, “correndo”. No *Gorgulho*, de forma extraordinária, a entrada desse *seruus currens* é protagonizada pelo parasito.

Fingindo estar a ponto de desfalecer, ele diz que só dará as notícias esperadas quando tiver a garantia de que o estômago será devidamente satisfeito. Se o normal é o escravo ser responsável por vários momentos cômicos dentro da peça, *Gorgulho*, o parasito, também não fica atrás. No momento em que todos querem saber do desfecho de sua aventura em favor de Fédromo, causa comicidade sua menor importância a tal fato, em detrimento daquilo que lhe interessa mais no momento: a comida. É a hora em que ele assume sua “identidade” inicial. Antes de sair em missão para ajudar o jovem, ele vive às custas das sobras: Fédromo indaga-o pelas “esperanças”, ao que ele responde com outra pergunta, sobre seus restos. A tomada de atitude dele está intimamente ligada à garantia de ter o que comer por muito tempo. É uma troca. Quase um mercenário, só vai falar quando lhe derem o que comer.

Phaed. [...] *ubi sunt spes meae?*

eloquere, obsecro hercle.

Curc. *Eloquere, te obsecro, ubi sunt meae?* (307-308)

Féd. [...] onde estão minhas esperanças?

Suplico, por Hércules, que diga.

Gorg. Diga, suplico-te, onde estão as minhas esperanças?

A comicidade que se espera normalmente de um escravo é abundante nos atos de *Gorgulho*. Após toda a expectativa criada em Fédromo, que, ansiosamente, o aguardava com suas “esperanças” – e após os preparativos de sua refeição –, a resposta do parasito é uma decepção em forma de um curto discurso. Se ele é capaz de elaborar muitas palavras reclamando de sua fome, por outro lado, é curto e sutil na resposta ao problema de Fédromo.

Phaed. *Ita me amabit quam ego amo, ut ego haud mentior.*
sed quod te misi, nihilo sum certior.

Curc. Nihil attuli. (326-327)

Féd. Seja certo me amar aquela que eu amo assim como [é certo que] eu não minto.

Mas não estou certo [de] nada daquilo a que te enviei.

Gorg. Não trouxe nada.

É fato que essas cenas ajudam a criar, cada vez mais, a atmosfera propícia para que Gorgulho tome à frente do desenrolar da peça. Já visto nesta leitura, é ele quem tem a tomada de atitude esperada de um escravo. É ele quem arma a situação fraudulenta para conseguir a moça para Fédromo. Gorgulho é um personagem um tanto híbrido, pois suas atitudes de um esperto e trapaceiro escravo em favor do amo estão alternadas com os feitos e os pensamentos de um “mercenário”, um “caçador de recompensas”. Isso dá a força ao personagem para sustentar o traço cômico na peça.

Diferente do teor moralizante demonstrado algumas vezes na primeira parte, o parasito quase não o faz. Entretanto, em um determinado momento (vv. 494-511), como parte de sua atitude em conseguir a jovem Planésia, ele faz uma comparação depreciativa entre o mercador e o leno. É um momento em que ele denuncia as más condutas dos dois, com um princípio de tensão e seriedade. Por trás de seu discurso, ele é capaz de colocar seus próprios feitos em um nível acima que o daqueles homens.

Novamente age como um verdadeiro escravo plautino, cheio de artimanhas, quando se encontra com o banqueiro Lico. Dizendo-se enviado do militar Terapontígono Platagidoro, ele mente de forma exagerada para fazer-se convincente e levar a jovem: ao ser perguntado, por Lico, por que o militar não fora a seu encontro, o parasito, sem pestanejar, “explica” a situação com grande maestria na arte de enganar.

Curc. Ego dicam tibi:

quia nudiusquartus venimus in Cariam

ex India; ibi nunc statuam volt dare auream

solidam faciundam ex auro Philippo, quae siet

septempedalis, factis monumentum suis. (437-441)

Lyc. Quam ob rem istuc?

*Curc. Dicam. quia enim Persas, Paphlagonas,
Sinopes, Arabes, Cares, Cretanos, Syros,
Rhodiam atque Lyciam, Perediam et Perbibesiam,
Centauromachiam et Classiam Vnomammiam,
Libyamque oram omnem Conterebromniam,
dimidiam partem nationum usque omnium
subegit solus intra viginti dies. (437-447)*

Gorg. Eu te direi:

é agora o quarto dia que viemos à Cária
da Índia; agora [ele] quer erigir uma sólida estátua
de ouro de Filipe, [que será de altura]
de sete pés; um monumento de seus feitos.

Lic. Por que isto?

Gorg. Eu te direi: ele submeteu os persas, os paflagônios,
os sinopeus, os árabes, os cários, os cretenses, os sírios,
Rodes e Alícia, a *comidíssima* e a *bebidíssima*,
a Centauromaquia e a Unomânia,
a Líbia e toda a costa da *Vinholândia*;
enfim, metade das nações que existem,
e somente em vinte dias.

Quando ele está contando para Fédromo o desenrolar da conversa que teve com o militar, a qual resultou no roubo do anel, como se não bastasse a graça da situação narrada, outro ponto chama a atenção: mais uma vez, a face “parasito” de Gorgulho aparece e ele deixa escapar um comentário de considerável teor de comicidade, visto que é feita uma comparação do ato de comer com o aspecto solene e grave de um culto. Para ele, recusar a comida oferecida é tão sério quanto deixar de executar a tarefa a que foi destinado. Por isso, sente necessidade de esclarecer sua posição.

Curc. [...] *postquam hoc mihi narravit, abeo ab illo. revocat me ilico, vocat me ad cenam; religio fuit, denegare nolui.* (349-350)

Gorg. [...] depois de me narrar estas coisas, afastei-me dele. Imediatamente, tornou a me chamar; chamou-me à ceia; foi [como] um culto, não quis recusar.

Por fim, com artimanhas de um autêntico escravo, Gorgulho consegue o desfecho ideal: os jovens enamorados terminam juntos em um contexto harmonioso. O grande diferencial é que não está presente, nesse final de trama, o escravo original da história (Palinuro), mas sim o parasito que consegue acumular as duas funções e desempenhá-las tão bem. Não é à toa que, tendo aparecido somente na metade da história, é um personagem que sustenta a dinâmica da peça.

6. CONCLUSÃO

A ideia que se apresenta com esta breve exposição é a de uma nítida proximidade entre os traços de comicidade presentes em um escravo nas comédias de Plauto e no parasito Gorgulho.

O que reforça o cômico provocado pelo parasito é, justamente, aquilo que o escravo possui para provocar tal efeito: as artimanhas, as tramas e os feitos em prol do sucesso amoroso do jovem mestre. Gorgulho, como qualquer outro escravo, é o principal responsável pela graça do teatro plautino nessa peça.

Daí, parece haver uma ousada conclusão a partir dos elementos de *Curculio*: a peça soa como uma ode ao personagem *escravo*, não direcionada a um determinado escravo em especial, mas a esse tipo de personagem, não importa se interpretado pelo parasito ou por qualquer outro. Faz-se uma espécie de homenagem àquele que funciona como o coração da comédia plautina.

Em meio ao hibridismo dos atos e pensamentos de Gorgulho, na peça encontramos um novo tipo ou, ao menos, uma proposta de um novo tipo de personagem: o “parasito-escravo”.

7. BIBLIOGRAFIA

AMADO, Teresa; CASTRO, Eva. O Teatro Romano. In: _____. *A Comedia do Gurgullo*. Xunta de Galicia, 2003. Disponível em: <http://centros.edu.xunta.es/iesmanuelgarciabarros/latin_grego/descargas/latin/teatro_romano.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2012.

FRANK, Tenney. *Life and literature in the Roman Republic*. Berkeley: University of California Press, 1971.

GRIMAL, Pierre. *O Teatro Antigo*. Lisboa: Presença, 1986

GRUEN, Erich. Plautus and the Public Stage. In: SEGAL, E. *Oxford readings in Menander, Plautus and Terence*. Londres: Oxford University Press, 2001.

McCARTHY, Kathleen. *Slaves, masters and the art of authority in Plautine Comedy*. Princeton University Press, 2000.

MOORE, Timothy J. Music and Structure in Roman Comedy. *American Journal of Philology*, 1998. Disponível em:

<http://muse.jhu.edu/journals/american_journal_of_philology/v119/119.2moore.html#REF13>. Acesso em: 28 nov. 2012.

PLAUTO. *Curculio*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/plautus/Curculio.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2006.

_____. *Curculio*. In: PLAUTO; TERÊNCIO. *A comédia latina*. Trad. por Agostinho da Silva. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.